

HISTÓRIA E RELIGIÃO (*).

Fr. LUÍS BERTRANDO GORGULHO, O. P.

Da Sociedade de Estudos Históricos. Professor de Exegese do Teologado Dominicano de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

O tema que nos foi proposto, "História e Religião", pode ser abordado sob diversos pontos de vista. Além do mais, é bem vasto se pretendesse abraçar a universalidade do sentido do *homo religiosus* em sua vivência temporal. Por isso, é necessário determinar a perspectiva e restringi-la ao caso da religião bíblica.

Faremos, então, uma lembrança do sentido do conhecimento histórico aplicado ao fenômeno religioso.

Analisaremos algumas concepções da história vivida e suas repercussões na interpretação da religião bíblica.

E para concluir indicaremos a contribuição desta religião para a formação da comunidade humana que se faz através da história.

I. — CONHECIMENTO HISTÓRICO E RELIGIÃO.

A religião, na generalidade empírica do fenômeno, aparece na história como um sistema de mitos, ritos e comportamentos. Enquanto tal torna-se objeto do conhecimento histórico.

Desde a mais alta antiguidade o conhecimento da religião nasceu de uma crítica dos deuses, de uma interpretação do sentido dos mitos, ou de uma explicação da origem e formação do comportamento religioso.

Mas, desde que a expressão "ciência das religiões" foi utilizada pela primeira vez por Max Müller, em 1867, este campo do conhecimento passou por várias transformações e progressos. Georges Dumézil os caracteriza do seguinte modo:

(*) — Palestra realizada na Sociedade de Estudos Históricos em 22 de novembro de 1968 (Nota da Redação).

“Não se pode dizer que as ciências, em nosso século, envelhecem logo, pois têm o privilégio de mudarem rapidamente de figura! A ciência das religiões é como a dos números e dos astros” (1).

Apesar desta mobilidade, da diversidade dos métodos e perspectivas, pode-se aqui indicar dois pontos fixos que sempre envolvem toda a problemática do conhecimento do fenômeno religioso e a compreensão da vivência temporal do *homo religiosus*.

Um primeiro aspecto é o conhecimento da religião na sua materialidade fenomenológica. E', então, um conhecimento dos dados empíricos e históricos de um certo sistema religioso. Estes dados aliás aparecem em todas as religiões. Eis porque a ciência das religiões é inicialmente uma história das religiões. Trata-se, portanto, da aplicação do método histórico ao fenômeno religioso no seu conjunto de mitos, ritos e comportamentos. E' uma análise das instituições religiosas como o templo, o calendário litúrgico, os sacrifícios, os sacerdotes e outras pessoas sagradas. E' ainda uma análise literária do folclore, dos mitos, sagas, contos, fábulas.

Uma outra perspectiva diz respeito ao esforço de compreensão do fenômeno religioso em sua originalidade irredutível. E' uma tentativa de interpretação de seu sentido. E isso se faz a partir de vários critérios e avaliações diversas. No século passado, o *mana* tornara-se uma como pedra de toque da interpretação. Depois apareceram os critérios do materialismo histórico e a valiação de que a religião é o *ópio do povo* entrava a marcha dialética do processo evolutivo. Em nossos dias, é a noção de *morfologia do sagrado* juntamente com o *arquétipo primordial* e a *repetição* (cf. Mircea Eliade), ou ainda a *estrutura* do homem interior que se manifesta na estrutura do mito, do rito e do comportamento social que são os critérios da análise (2).

(1). — Cf. Georges Dumézil no seu prefácio da obra de Mircea Eliade, *Tratté d'histoire des religions*, Payot, Paris, 1959, p., 5ss.

(2). — Cf. Mircea Eliade, *Aspects du mythe*, Gallimard, Paris, 1963, pp., 9ss. — Para uma interpretação estruturalista do mito ver Claude Lévi-Strauss, "The Structural Study of myth", em *Myth. A Symposium*, pp., 50-66; *Idem*, "La structure des mythes", em *L'Anthropologie structurale*, Paris, 1958, pp., 227-255. — Para uma visão de conjunto sobre o método e perspectiva da religião de Israel ver: H. A. Frankfort, *The intellectual adventure of ancient man*, The University of Chicago Press, Chicago, 1964. Sigmund Mowinckel, *Religion und Kultus* (Göttinger Theologische Lehrbücher), Vandenhoeck & Ruprecht, Göttinga, 1953. Johannes Hempel, "Die Alttestamentliche Religion", em *Handbuch der Orientalistik*, (Erste Abteilung: Der Nahe und der Mittlere Osten, Achter Band: Religion), Leinden/Köln, 1964, pp., 122ss. — Para uma visão sintética da história da ciência das religiões poder-se-á consultar: Gustav Mensching, *Histoire de la Science des Religions*, Lammarre, Paris, 1956.

E' esta segunda perspectiva que nos interessa. Como interpretar o sentido da religião bíblica a partir da história? Daí o sentido de nossa segunda parte: as diversas concepções que se tem da história vivida podem influenciar a interpretação da religião judaico-cristã. E isso é tanto mais importante quanto a originalidade desta religião está no fato de apresentar os acontecimentos históricos como teofania e manifestação do sentido da existência humana no tempo (cf. Mircea Eliade, *Le mythe de l'éternel retour*, Gallimard, Paris, 1949, pp., 152ss).

II. — HISTÓRIA E RELIGIÃO.

A concepção que se tem da história pode, e de fato influenciou a interpretação da religião bíblica. Basta relembrar aqui quatro concepções fundamentais que absorvem tôdas as outras e que foram as causas de vários sistemas de interpretação.

1. — A história é sucessão de fatos contingentes e desconexos. Salienta-se a objetividade e a facticidade dos acontecimentos. A história é discontinuidade. A esta visão afiliam-se certas explicações estruturalistas modernas para as quais a história é sucessão de estruturas, sem evolução nem continuidade (3).

2. — A história é evolução de forças imanentes e naturais. A recorrência das leis forma ciclos sucessivos. A história é pois a sucessão de ciclos complexos de civilização que obedecem às leis de crescimento, de envelhecimento e de recorrências. Há uma sincronia no interior dos ciclos, mas diacronia de um ciclo para outro (cf. Spengler, Toynbee).

3. — A história é desenvolvimento evolutivo. Ela é a matriz da realidade humana e dos valores. E' uma evolução de forças espirituais ou materiais imanentes ao processo humano (hegelianismo, marxismo). A história é pura continuidade evolutiva, dialética, evolução de forças que se sucedem ou se contrapõem.

4. — A história é a temporalidade da existência. Renuncia-se à objetividade histórica. O evento não tem sentido fora da relação sujeito-objeto. Os acontecimentos existem como horizonte de um centro que é a decisão livre do homem. A história é, então, criação do indivíduo e cada qual faz sua história sem comunicação possível.

Estas concepções causaram sistemas de interpretação do sentido da religião bíblica. — A história como pura facticidade salienta a religião como milagre. E' um acidente puro, insólito, no meio dos acontecimentos humanos. Esta é, por exemplo, a sistematização de

(3). — Cf. Michel de Foucault, *Les mots et les choses*, Gallimard, Paris, 1966.

Oscar Cullmann: a história é pura sucessão de fatos, e receptáculo de outra história vertical, a história da salvação (4).

A história como sucessão de ciclos dá origem a vários sistemas dos historiadores das religiões. E aí o Cristianismo faz parte do ciclo da civilização ocidental; atualmente êle se identificaria com os valores da sociedade burguesa. Segue as leis de aparecimento, recorrências e envelhecimento.

A história como desenvolvimento evolutivo gera a interpretação dos messianismos terrestres e os diversos tipos de milenarismo. Tal concepção se prende às ideologias inauguradas com maior vigor por Joaquim de Fiore. O Cristianismo aparece como germe de evolução histórica, matriz da realidade. — Neste sentido pode-se dizer que a ideologia marxista é uma secularização das idéias do messianismo judaico-cristão, e uma nova edição do velho arquétipo do mito cosmogônico: o proletariado é um outro Marduk que luta contra Tiamat, o capitalismo burguês, e de sua carne tira o homem nôvo. A revolução é o ponto crítico, o ato cosmogônico da nova criação e do aparecimento do paraíso terrestre (5).

A história como temporalidade sustenta a interpretação existencialista de Rudolf Bultmann (6). Tudo concentra-se na fé: a decisão livre sem outro fundamento nos acontecimentos objetivos senão o puro apêlo de Deus que na facticidade da vida individual é um imperativo de decisão e de abertura para o futuro. Êste apêlo provoca a decisão do homem que confere sentido a tôdas as realidades. Os acontecimentos objetivos não têm sentido senão na decisão individual do sujeito. E o cristianismo nada mais é senão a existência autêntica analisada por M. Heidegger.

(4). — Cf. *Oscar Cullmann, Le Salut dans l'histoire* (L'existence chrétienne selon le Nouveau Testament), Éditions Delachaux et Niestlé, Neuchâtel, 1966, pp., 25ss; *J. Frisque, Oscar Cullmann. Une Théologie de l'histoire du salut*, Tournai, Paris, 1960, pp., 25ss.

(5). — Cf. *Mircea Eliade, Mythes, Rêves et Mystères*, Gallimard, Paris, 1959, pp., 25ss. — *Idem, Aspects du mythe*, Gallimard, Paris, 1966, pp., 88ss. — Cf. *Norman Cohn, Les fanatiques de l'Apocalypse*, Paris, 1963: "Sous le jargon pseudo-scientifique dont l'un et l'autre (national-socialisme, marxisme-léninisme) se servent, on retrouve une vision des choses qui rappelle singulièrement les élucubrations auxquelles on se livrait au Moyen Age. La lutte finale, décisive des Elus (qu'ils soient "aryens" ou "prolétaires" contre les armées du démon (Juifs ou bourgeois); la joie de dominer le monde ou celle de vivre dans l'égalité absolue, ou les deux à la fois, accordée, selon un décret de la Providence, aux Élus qui trouveront ainsi une compensation à toutes leurs souffrances; l'accomplissement des desseins ultimes de l'histoire dans un univers enfin débarassé du mal, — voilà quelques vieilles chimères que nous caressons encore aujourd'hui".

(6). — Cf. *Rudolf Bultmann, Histoire et eschatologie* (Bibliothèque Théologique: tradução de R. Brandt), Neuchâtel-Paris, 1950. — *Idem*, "History of Salvation and History (1948)", em *Existence and Faith* (Shorter Writings of Rudolf Bultmann), edição de S. M. Ogden, Collins, 1960, pp., 268ss.

III. — A RELIGIÃO NA HISTÓRIA.

A fim de ultrapassar essas interpretações é necessário apresentar a originalidade da religião bíblica e sua função na história humana. Para tanto é mister afirmar que a “religião” bíblica, mais do que um conjunto de ritos, de normas de comportamento, é uma revelação e um modo de relacionamento do homem com a transcendência. Mais do que “religião” ela é a vivência ao próprio sentido da existência humana. Como tal é um fator primordial tanto para a formação quanto para manutenção da comunidade humana no tempo. Qual é então sua contribuição original e irredutível para a história da humanidade?

Deve-se notar que a primeira comunidade humana nasce da própria natureza. Daí procedem a família, a tribo, o povo. Mas, esta comunidade é fundada primordialmente no sangue e na raça. E’ claro que este valor é restrito e não pode ser o fundamento para a comunidade humana perfeita. Pois somente ele daria origem para o particularismo e todos os tipos de facismos e nazismos.

Um segundo tipo de comunidade se faz pela história humana; pelos valores da vida, funções, experiências comuns, tradições, costumes. E’ a comunidade humana que se constrói a partir dos valores transcendentais: verdade, bem, beleza. Daí nascem a ciência, o direito, a técnica, a arte. Tudo está em função da comunhão das pessoas que devem se congregar em torno da verdade e dom bem comum. Todavia, os perigos que ameaçam os valores puramente humanos é justamente a absolutização valores: absolutização do poder político, das ideologias, das ciências, da economia.

Dentro desta história humana a revelação bíblica que manifesta o sentido do relacionamento com a transcendência traz a verdadeira medida: ela relativiza tais valores mostrando em que se encontra o Absoluto, a origem e o fim do devir histórico. Mostra a autonomia dos valores da história, sua relatividade, e portanto qual o seu sentido.

A contribuição do judeo-cristianismo foi mostrar aos homens que a verdadeira comunidade de pessoas entre si só tem por fundamento e sentido o relacionamento com o Deus Vivo. E’ esta relação que dá consistência e sentido ao mundo, à história e ao homem. Revela a autonomia das realidades terrestres e exige a responsabilidade do homem como agente ativo da história. Aliás, esta contribuição aparece no próprio modo da Bíblia apresentar a história: uma sucessão de gerações em que se transmite um dom divino e uma responsabilidade face a um futuro que é o encontro definitivo com o Absoluto.

Para a Bíblia a história começa com a criação. E' a realidade entre um princípio e um fim. Aí o homem é um agente ativo: a história é feita pelo homem. Seu elemento básico é um fato humano: a história é sucessão de gerações. Nesta sucessão o homem deve desenvolver o dom divino e transmiti-lo para as gerações futuras. Os profetas relembram a responsabilidade criticando a liberdade e a consciência histórica comum: a profecia é relativização a fim de se poder perceber o sentido do absoluto. Os profetas relativizam a natureza, os ídolos, a política e o mito do rei salvador, relativizam os valores (*Amós 3, 1*). No devir a responsabilidade constroi a história face a uma certeza futura que suscita e sustenta a esperança presente. Essa é uma esperança ativa transformadora do presente (cf. *J. Moltmann, Theologie der Hoffnung, Munique, 1965*).

Dentro da marcha histórica, a religião judaico-cristã, trouxe pelo menos duas contribuições irreversíveis. Os acontecimentos humanos têm valor de teofania: a história é revelação do sentido da existência. E os valores do humanismo são relativos e não bastam para realizar a comunidade humana: no tempo deve-se abrir para um absoluto, e a história tem um além do tempo. O fundamento último, o sentido da história, é um Absoluto que é um Deus Vivo. E para o Cristianismo esta significação é personificada em Jesus de Nazaré que é a Verdade que relativiza e conduz para a realização da história: a plenitude do existir humano em comunhão com o Absoluto definitivo e pessoal.

* *
*

BIBLIOGRAFIA.

- Apresentamos alguns títulos de obras mais recentes que abordam alguns aspectos da filosofia da religião:
- Anwander, A. — *Zum Problem des Mythos*, Wurzburg, Echter-Verlag, 1964.
- Brandon, S. G. F. — *Man and his Destiny in the Great Religions*, Manchester University Press, 1962.
- Smith, W. C. — *The Meaning and End of Religion. A New Approach to the Religious Traditions of Mankind* (Col. A Mentor Book, 575), The New American Library, Nova Iorque, 1964.
- Smith, W. C. — *The Faith of Other Man* (Col. A Mentor Book, 627), The New American Library, Nova Iorque, 1965.
- Reardon, B. M. G. — *Religious Thought in the Nineteenth Century*. Illustrated from Writers of the Period. Cambridge, University Press, 1966.
- MacQuarrie, J. — *Twentieth-Century religious thought. The Frontiers of Philosophy and Theology, 1900-1960*, The Library of Philosophy and Theology, SCM Press, Londres, 1963.

- Nüdling, G. — *Ludwig Feuerbachs Religionsphilosophie*. "Die Auflösung der Theologie in Anthropologie", 2a. ed., F. Schöning, Paderborn, 1961.
- Rochedieur, E. — *La pensée occidentale face à la sagesse de l'Orient. Nature-Mythe-Psychologie-Yoga* (Col. Bibliothèque Scientifique, Payot, Paris, 1963).
- Smith, J. E. — *Religion and Empiricism* (The Aquinas Lecture, 1967), Marquette University Press, Milwaukee, 1967.
- Rosenkranz, G. — *Der christliche Glaube angesichts der Weltreligion* (Col. Sammlung Dalp, 100), Francke, Berna, 1967.
- Neill, St. — *Foi chrétienne et autres croyances. Dialogue entre le christianisme et les autres religions*, Mame, Paris, 1965.